

Notas e comentários

O outro lado da moeda: notas históricas

José Schiavo

A *numismática* é a ciência das moedas, ou espécies metálicas que servem de padrão ou instrumento de troca nas relações comerciais. Gustavo Barroso, em sua obra *Introdução à técnica dos museus*, assinala ser o seu conhecimento indispensável ao museólogo. É raro num museu de maior expressão não se encontrar uma coleção de antigas moedas. Já em remotos tempos manifestavam por elas os colecionadores particular interesse. A partir do Renascimento esse gosto e preocupação se intensificam. Através da moeda pode-se avaliar a história de um país ou de um povo. Todavia ela não aparece — pelo menos tal como hoje a concebemos — no alvorecer da civilização. Verificamos isso, por exemplo, com Israel, um dos mais novos dentre os povos modernos e também dos mais jovens dentre os antigos, em comparação com os egípcios, sumerianos, hurritas, hititas, cananeus, mitanianos e acadianos.

Quando, por volta do segundo milénar, Abraão de Ur da Caldéia emigrou para a terra de Canaã, onde mais tarde estabelecer-se-iam seus descendentes, muitos povos já haviam encerrado o ciclo de sua evolução his-

tórica. Os imediatos descendentes desse patriarca são contemporâneos do Novo Império egípcio, que tem início com a 18.^a dinastia.

As dinastias reais de Kish, de Lagash, de Akkad e de Ur, são anteriores à época de Abraão, assim como as de Lsin e de Larsa, de que vem a ser Hamurabi o 15.^o soberano, 6.^o da primeira dinastia de Babilônia. E, comumente, é tido Hamurabi como contemporâneo de Abraão.

A esse tempo não existia ainda a moeda. Vigorava nas transações comerciais o regime de trocas, que, consoante J. de Morgan, já aparece nas primitivas civilizações. Diz Aristóteles que a causa determinante do aparecimento da moeda teve a sua razão de ser na equivalência do metal com a mercadoria que se trocava. O bronze, o cobre, a prata e o ouro eram fundidos em barras e pesados na ocasião da compra e da venda. É por isso que os tratadistas deles nos falam sob a epígrafe comum de *pesos e moedas*.

Em antigos monumentos egípcios é assaz freqüente a figuração da balança com barras destinadas às trocas. Observa Barrois que os 400 siclos de prata com os quais adquiriram Abraão e Ekron a caverna de Macpêlan (Gên. XXII, 16), os 20 siclos também de prata que os irmãos de José receberam dos mercadores ismaelistas em pagamento do irmão que lhes venderam (Gên. XXVII, 28) e os 1.100 siclos que os filisteus ajustaram com Dalila (Jz. XVI, 5) eram siclos pesados, e não moedas propriamente ditas.¹ Assim, entre os antigos, moeda e peso se confundiam. Tal regime vigorou não só entre vetustos povos do Oriente, como ainda entre os gregos e romanos e em todo o mundo ocidental. Ainda no século XI de nossa era, diz Alexandre Herculano, a moeda escasseava, sendo raríssima, e muito rara no século XII, ou seja 300 anos antes do descobrimento do Brasil. “Freqüentemente — lemos em sua *História de Portugal* — tomava-se o módio, medida de cereais, como representante dos outros valores, como unidade de comparação destas entre si. Tantos côvados de tela avaliada em tantos módios trocavam-se por um cavalo, por uma armadura, por tantos hastins * de terra. As produções do solo, os artefatos grosseiros da nascente indústria, os animais domésticos, os produtos da caça e da pesca, o trabalho manual, tudo servia de moeda.” Nos EUA, pela época da colonização, o tabaco, cultivado já pelos índios e a seguir pelos emigrantes, era moeda corrente, e a mais valiosa. Constituíam o principal produto de exportação. Ocupava o seu plantio vasta extensão territorial

¹ Cf. *Manuel d'archéologie biblique*. p. 259.

* N. do E. Antiga medida agrária.

na Virgínia, que seria o berço da independência americana. Era ela a colônia que mais exportava para a mãe-pátria. “Esse monopólio — diz um biógrafo de Jefferson (Hirst) — provocou alguns incidentes ásperos entre a Assembléia na Virgínia e o governo de Londres, a ponto de chegar a dizer um historiador ser a história do tabaco a história da liberdade inglesa e americana.” Entre os antigos hebreus, como vínhamos dizendo, a moeda ou metal que servia de padrão nas trocas de produtos nem sequer possuía denominação apropriada. Designavam-na por *hésef* (prata) e *mehôset* (bronze) que eram então os metais mais usados. O termo *sekél* pelo qual se nomeava a moeda origina-se etimologicamente de *sákal*, que significa pesar. No Egito antigo, onde era também usual esse sistema de pesagem de moeda, prevaleceu a princípio o padrão cobre, e só a partir do século XV a.C. aparecem substituindo-o a prata e o ouro. Essas antigas moedas tinham o formato de anéis, e como unidade o *tábnû*. Valia cada anel tantos ou quantos *tábnus*. Já entre os caldeus predominou diferente sistema, análogo todavia no tocante ao uso dos metais sob forma de peso no regime de trocas. Na base desse sistema monetário encontrava-se a mina, de que era o siclo a 60.^a parte. Vinha a seguir o talento, equivalente a 60 minas, e cujo peso era de 30,300kg. Os inconvenientes e incômodos trazidos por esse sistema de comércio são fáceis de imaginar. Por outro lado, a qualidade e o peso do metal nem sempre mereciam fé. O soberano persa Dario I Histape (521-485 a.C.), contemporâneo dos profetas Ageu e Zacarias, em cujo reinado teve início a reedificação do Templo de Jerusalém, destruído em 585 pelos caldeus, sob o comando de Nabucodonosor, procurou um meio de remediar o inconveniente. Do controle por ele estabelecido surgiu seu império em “satrapias”, devendo cada uma delas contribuir para o erário régio com um tributo em prata e ouro. O uso desses dois metais nos antigos siclos já havia sido praticamente fixado por Crécio, cujas moedas foram apelidadas “crescidas”. O tipo-padrão era o *statéro*. As moedas persas de Dario em diante começaram a trazer a efígie e o selo do soberano, que, com essa característica, lhes garantia o peso e a qualidade. Foi o *statéro*-darico ou simplesmente o “darico” que, segundo alguns, deriva do próprio nome do rei (Dario), mas que ao ver de outros procede da divisão da moeda (*darag*), a moeda usada no mundo oriental desde o século V a.C., como a “mina” desde a mais alta antigüidade entre os assírios e caldeus.

A partir da conquista do Oriente por Alexandre o *statéro*-ouro (ou “darico”) tornou-se moeda comum. As moedas tolomaicas, que a seguir vigoraram, também traziam de um lado a efígie do soberano reinante,

e do outro o corno da abundância, ou então a águia, que era o símbolo da dinastia. Na Grécia representaram nelas a efígie dos deuses, e o mesmo sucedeu em Roma, onde também os imperadores eram aí figurados.

Pelo que refere Heródoto foram os lídios os que primeiro cunharam moedas de prata e de ouro. Gradativamente se estabeleceram os valores ou equivalência das moedas. Plínio, em sua *História natural*, assevera que foi o rei etrusco Sérvio Túlio (578-534 a.C.) quem primeiro fez gravar nas moedas imagens de bois e carneiros, daí lhes advindo a denominação de pecúnia. *Pecus* era, entre os latinos, a designação dada ao gado e de modo geral aos animais domésticos.² De “pecúnia” procedem etimologicamente “pecúlio” e “pecuniário”. “Moeda” é termo derivado do teto de Juno (*Juno Moneta*). “Dinheiro” provém de *denarium*, e denário de *deni*, que significa “de 10 em 10”. Não passava esta última de uma imitação da dracma grega, ainda hoje em uso. A lei Júlia Papírica, de 430 a.C., substituiu definitivamente em Roma os pagamentos em gado pelo pagamento de metal. Como entre os egípcios o primitivo padrão monetário era o cobre, cujo preço, consoante Reinach, foi em 454 e 452 fixado pelas leis tarpéia e menênia. Os gregos introduziram o padrão-prata, e davam à sua moeda a denominação de *argyrion* e *nomisma* (donde numismática, ciência das moedas). A prata, entre os romanos, só aparece em 269 a.C. — Sila, Pompeu e César foram os primeiros a cunhar moedas de ouro. “Sestércio” (de *semis tertius*), o “denário” (donde dinheiro) foram as primitivas moedas romanas. As de bronze traziam as letras SC, que significavam *senatus consultus*, “decreto do Senado”, e a unidade monetária era o “ás” ou libra de bronze. É muito mais tarde que aparece o “sestércio”, com valor inicial de 2,5 ases, correspondendo o denário de prata a 10 ases.

Bibliografia

Barroso, Gustavo. *Introdução à túnica dos museus*. Rio de Janeiro, 1953. t. 1, p. 14, 238.

Herculano, Alexandre. *História de Portugal*. v. 5, p. 149-50.

Hirst, Francis W. *Life and letters of Thomas Jefferson*. cap. 1.

² Cf. *História natural*, XVIII, 12.